



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

JORDANIA LIMA DE MENDONÇA

**O TEATRO E O CINEMA EM *ÁLBUM DE FAMÍLIA*: INTERRELAÇÕES
FREUDIANAS**

GUARABIRA
2021

JORDANIA LIMA DE MENDONÇA

**O TEATRO E O CINEMA EM *ÁLBUM DE FAMÍLIA*: INTERRELAÇÕES
FREUDIANAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção de título de graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura, Dramaturgia e Cinema.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M539t Mendonça, Jordania Lima de.
O teatro e o cinema em Álbum de Família [manuscrito] :
interrelações freudianas / Jordania Lima de Mendonça. - 2021.
18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura comparada. 2. Tragédia. 3. Álbum de Família.
4. Tabus. I. Título

21. ed. CDD 809

JORDANIA LIMA DE MENDONÇA

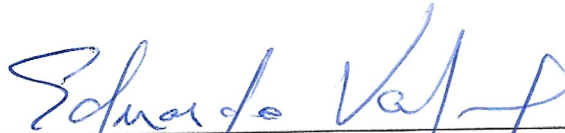
O TEATRO E O CINEMA EM *ÁLBUM DE FAMÍLIA*: INTERRELAÇÕES
FREUDIANAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em Letras Português
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito à obtenção de título de
graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura,
Dramaturgia e Cinema.

Aprovado em: 28 / 09 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Avaliadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. João Batista Teixeira (Avaliador)
Faculdade do Maciço de Baturité (FMB)

“A ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil para que não o sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa de cada um de nós”.

Nelson Rodrigues

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 <i>ÁLBUM DE FAMÍLIA</i> NA LITERATURA E NO CINEMA	9
3 RELAÇÕES RODRIGUEANAS E O COMPLEXO DE ÉDIPO.....	11
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS	15

O TEATRO E O CINEMA EM *ÁLBUM DE FAMÍLIA*: INTERRELAÇÕES FREUDIANAS

THE THEATER AND CINEMA IN A FAMILY ALBUM: FREUDIAN INTERRELATIONS

Jordania Lima de Mendonça¹

RESUMO

O presente artigo consiste num estudo da peça *Álbum de família*, escrita por Nelson Rodrigues em 1945, a partir da concepção de drama proposta por Sábato Magaldi e outros teóricos. Partindo dessa proposta, o estudo se volta para como a sociedade aparece na peça enquanto estratificação, bem como os tabus e o que eles representam desde os tempos primitivos até o contemporâneo. Desejos proibidos permeiam em vastidão toda a obra, elencando os personagens como “pessoas incomuns”, fugindo da tradicional família brasileira. Este, inclusive, é o ponto central, visto que serve de fachada para encobrir a perversidade que abrange toda a família. Nossa proposta teve por meta o estudo comparativo da peça *Álbum de Família* e a versão cinematográfica homônima do diretor Braz Chediak (1981), baseada na referida peça. Para esta pesquisa, usamos a metodologia de cunho qualitativa, fundamentando-nos em teóricos da sétima arte como Aristóteles (1966), Eco (1991), Carvalhal (1991), Chevalier (1989), Palottini (2005), Berthold (2001), Brito (1996), Cunha (1986), Peixoto (1989), Luna (2009; 2008), Nitrini (2000), Carvalho (2014), Lauz (2018), Rosa (2012), dentre outros. Começaremos, assim, realizando uma análise acerca do tema literatura e dramaturgia, verificando as representações de significados das duas artes distintas, mas de teores conceituais idênticos, cuja análise parte dos conflitos da sociedade, considerados tabus, como o incesto, as relações conflituosas na tradicional família brasileira e a hipocrisia das classes dominantes. A partir daí, levantamos, pelo raciocínio freudiano, as relações da psicanálise sobre o complexo de Édipo, enquanto ações de comportamento desde o nascimento da criança até a fase adulta, bem como o seu componente trágico presente no conflito entre os personagens.

Palavras-chave: Literatura comparada. Tragédia. *Álbum de Família*. Tabus.

¹ Graduanda em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. Jordania.mendonca@aluno.uepb.edu.br

ABSTRACT

This article consists of a study of the play *Family Album*, written by Nelson Rodrigues in 1945. The study turns to how society appears in the play as a stratification, as well as taboos and what they represent from primitive times to contemporary times. Forbidden desires permeate the entire work in vastness, sodoning the characters as "unusual people", fleeing the traditional Brazilian family. This is also the central point, since it serves as a band to cover up the perversity that encompasses the whole family. Our proposal aims at the comparative study of the play *Family Album* and the eponymous film version of director Braz Chediak (1981), based on the aforementioned piece. For this research we use qualitative methodology as a qualitative methodology, based on theorists such as: (ARISTOTELES 1966), (ECO 1991), (CARVALHAL 1991), (CHEVALIER 1989), (PALOTTINI 2005), (BERTHOLD 2001 (BRITO 1996), (CUNHA 1986), (PEIXOTO 1989), (LUNA 2009 and 2008), (NITRINI 2000), (CARVALHO 2014), (LAUZ 2018), (ROSA 2012), among others. we will begin by performing an analysis on the theme literature and dramaturgy, verifying the representations of meanings of the two distinct arts, but of identical conceptual contents, whose analysis, part of the conflicts of society, considered taboos, such as family incest, conflicting relationships in the traditional Brazilian family, and hypocrisy between the ruling classes. From there, we raise by Freudian reasoning the relations of psychoanalysis on the Oedipus complex, as behavior actions from the birth of the child to adulthood, as well as its tragic component present in the conflict between the characters.

Keywords: Comparative literature. Tragedy. *Family Album*. Taboos.

1 INTRODUÇÃO

Escrita em 1945, *Álbum de Família* é uma peça de teatro do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues. Em 1946, a peça foi interdita pela censura, e liberada somente em 1965, após 19 anos. Para compor esta pesquisa, a escolha dessa obra tem como motivo o destaque de Nelson Rodrigues no meio dramaturgico, por evidenciar e desmascarar o ser humano real, em uma sociedade hipócrita dotada de tabus.

A peça mítica é uma tragédia dividida em três atos, reúne o impacto da tragédia e a sátira da vida familiar supostamente feliz e tem como tema principal o incesto, que quebra os paradigmas sociais e viola as regras impostas pela sociedade, que desde a primitiva, até a contemporânea, aborda o incesto como tabu cultural e o trata como proibido e imoral, já que há um horror quanto às práticas sexuais entre parentes consanguíneos.

Na primeira foto em cena, observa-se uma família que aparentemente é vista sob uma ótica de felicidade e preceitos religiosos. Diante disso, a primeira foto é descrita pelo Speaker (locutor), que no texto rodrigueano assume a posição de “Opinião Pública”. Dessa forma, o Speaker descreve acerca das impugnações e desconformidades desatinadas desses parentes.

Álbum de Família é a história das relações incestuosas entre os primos, Jonas e Senhorinha, mas ambos os personagens têm desejos que se voltam para seus filhos. Nonô, o filho mais velho, é louco de desejo pela mãe, assim como o filho do meio, Edmundo. Guilherme, o mais novo, mutila o seu próprio pênis por não suportar o desejo por sua irmã Glória. O pai deseja a filha, e compensa esse desejo desvirginando meninas de 12 a 16 anos.

Tendo em vista o desenrolar da trama, nota-se um profundo conflito entre os parentes dessa família, pois destoam em profundas relações psicológicas, para tanto, as intimidades sexuais entre os membros da mesma família realçam características da mitologia grega, ou seja, no mito de Édipo-Rei, de Sófocles. No mito de Édipo, ele casa-se com a mãe e assassina o próprio pai.

Na sequência da trama, percebermos os conflitos que se apresentam na casa e em cenários como o internato, o seminário e a igreja, ou seja, os personagens tentam a todo momento recorrer a fundamentos religiosos para fugir de seus destinos, assim como Édipo buscava escapar do seu destino trágico. O filho Guilherme é um dos personagens que adere a esse requisito e busca, no seminário, a quietação dos seus instintos sexuais.

Para Nelson Rodrigues, os seres humanos não conseguem lidar com a avassaladora obsessão dos instintos, tal como os anseios mais profundos da humanidade, muitas vezes, a ruína do homem é o seu próprio instinto. Nesse sentido, a mola que rege a família é destruída, pois a ordem era erguida por convenções sociais, uma vez que a família era aristocrática e desejavam para os seus filhos um ensino conservador.

Sobre a peça, Magaldi (1981, p. 15) diz: “A peça põe em cena, por isso, personagens como que anteriores à história e à civilização. Desde que aceitas as regras do jogo social, o homem reprimiu anseios e criou tabus. A psicanálise, com Freud e outros teóricos, desvendou os mecanismos da mente, que explicam muito bem o procedimento da peça *Álbum de Família*”.

A peça *Álbum de família* será analisada enquanto obra literária, verificando sua pertinência em uma análise crítico-literária. Aristóteles considera que a tragédia, mesmo sem representação cênica e sem atores, pode manifestar seus efeitos. Dessa forma, subentendemos que é relevante estudar o texto dramático numa análise literária e compará-lo, ao mesmo tempo, com a sua versão fílmica. A partir dessas informações supracitadas, apresentaremos críticas à família tradicional brasileira de classe média, que se enquadra na hipocrisia ao manifestar um comportamento de discriminação e seus paradoxos, compondo ambas as versões. Apesar de serem dois gêneros distintos, o cinema e o teatro trazem questões interessantes para se compararem, sendo assim, buscaremos analisar o comum entre os dois gêneros. Destarte, obteremos as inter-relações entre a peça e sua respectiva versão cinematográfica.

Este artigo resultou da pesquisa de um ano no Programa de Iniciação Científica da UEPB, assim, fizemos leituras acerca dos temas Literatura Comparada, Dramaturgia e Cinema, ministramos seminários e oficinas sobre os resultados dessas leituras e procedemos a processos de pesquisa e análises do texto teatral brasileiro *Álbum de Família* e da versão filmica homônima, e participamos de eventos e congressos específicos na área de Literatura, bem como do Encontro de Iniciação Científica da UEPB e, com os resultados das pesquisas, publicamos nos Anais do evento. Esgotados os primeiros procedimentos metodológicos em relação aos estudos teóricos iniciais, observamos o uso dos elementos próprios da dramaturgia e da arte cinematográfica, buscando as relações intertextuais de cada obra específica. Assim, chegamos à contextualização do *corpus* de trabalho, uma vez que as obras pertencem a períodos de tempos diferenciados e destinam-se a públicos também diferentes. Assim, quando propomos a execução desta pesquisa de caráter bibliográfico, quanto à abordagem, tratou-se de uma pesquisa qualitativa-descritiva e de natureza aplicada.

O aporte teórico que fundamenta esta pesquisa foi baseado em reflexões de críticos literários e de estudiosos da sétima arte. Para fundamentar nossas análises, nos alicerçamos em estudiosos do teatro, cinema e da psicanálise, como Aristóteles (1966), Eco (1991), Carvalhal (1991), Chevalier (1989), Palottini (2005), Berthold (2001), Szondi (2001), Brito (1996), Cunha (1986), Peixoto (1989), Luna (2009; 2008), Magaldi (1997; 1981), Stam (2017), Nitrini (2000), Gurgel (2011), Carvalho (2014), Lauz (2018), Rosa (2012), Freud (1900; 2016), dentre outros.

Para fins de uma melhor compreensão, nosso trabalho se divide em três seções: na primeira parte, analisamos comparativamente a peça *Álbum de Família* e a sua respectiva versão cinematográfica; na segunda parte, verificamos as representações das duas artes distintas, mas de teores conceituais idênticos; na terceira e última parte, para a análise, apresentamos pontos relevantes da sociedade em que a peça foi escrita e da atual, visto que aborda temas considerados tabus; continuaremos o trabalho averiguando as relações da psicanálise freudiana sobre o complexo de Édipo e denotaremos se os tabus atuais coincidem com os da época da peça.

2 *ÁLBUM DE FAMÍLIA* NA LITERATURA E NO CINEMA

Este trabalho foi baseado no Projeto de Iniciação Científica da UEPB, cota 2019/2020, cujo plano de trabalho contou com a participação desta pesquisadora que vos escreve, Jordania Lima de Mendonça, e com o professor Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones.

De acordo com Remak (1980), a Literatura Comparada pode ser entendida como uma abordagem multidisciplinar que consiste nos estudos comparativos das literaturas de diferentes áreas linguísticas, mas também entre diferentes mídias e tipos de arte, como é o caso entre a Literatura e o Cinema, ou, neste caso mais específico, entre o Teatro e o Cinema. Visto que se trata de uma nova perspectiva de encarar a análise literária, essa modalidade não deve ser entendida tão somente como um ato de comparação, sobretudo porque comparar algo é uma iniciativa de variadas áreas do conhecimento, um costume próprio do ser humano. A diferença na Literatura Comparada é que ela se torna o método por excelência, transformando-se no dado analítico principal. Esse instrumento ajuda o pesquisador a investigar com mais propriedade a esfera com a qual ele se preocupa. Ainda segundo o teórico, a tendência metadisciplinar da literatura comparada a caracteriza como um importante espaço intelectual para avançar em questões de estudos que criem um constante diálogo com a história, a teoria e a crítica literárias, bem como com outras áreas do saber.

Por isso, é pertinente fazer esse estudo comparativo entre o texto da peça teatral e sua respectiva versão filmica. Esse tipo de análise baseia-se em reflexões de críticos literários que tratam do assunto e amplia o primeiro projeto, pois além de desenvolver estudos de textos de peças teatrais conhecidas, lança uma nova perspectiva de análise crítico-literária.

A importância da análise da versão teatral e cinematográfica de *Álbum de família* é que se trata de obras clássicas do teatro e do cinema brasileiro, reconhecidamente consagradas pela crítica especializada, e que abrem um leque de temas de discussão, como a luta pela liberdade, pela dignidade humana ou pelos direitos mais básicos de sobrevivência.

Segundo Lauz (2018), a peça *Álbum de Família*, escrita por Nelson Rodrigues em 1945 e publicada em 1946, ficou interdita pela Censura até 1965, sendo representada pela primeira vez em 1967. Inaugurou, segundo o próprio autor, o chamado “teatro desagradável” em sua carreira. Para Sabato Magaldi (2004), *Álbum de Família* é uma das “peças míticas” de Nelson Rodrigues. Ainda segundo Lauz (2018), “a peça expõe ao espectador uma sociedade hipócrita, tratando de assuntos como amor, desejos proibidos, sexo, relações incestuosas e proibidas (...) o que acabou acarretando a censura de *Álbum de Família*”.

Ainda sobre a censura da peça, Magaldi (2004) acrescenta:

A ética se pautou por uma atitude primária: o medo, o horror do incesto, como aliás escreveu Paulo Dantas (Prudente de Moraes, neto), no prefácio à edição. Se tivesse havido um esclarecimento didático a propósito das intenções da peça, e não o escândalo jornalístico logo armado, provavelmente seria outro o destino de *Álbum* (MAGALDI, 2004, p. 50)

Rosa (2012, p.2), por sua vez, assevera que a obra rodrigueana “coloca em xeque a veracidade de um dos valores mais cultuados na sociedade brasileira: a máscara da moralidade da família”. Essa peça questiona, por exemplo, padrões de ética e moral familiar vigentes, principalmente no Brasil do período de sua tessitura. Críticas contundentes ao comportamento e à estratificação social são centrais no texto e revelam primordialmente uma pretensa estabilidade de relações familiares e sociais, ainda segundo a referida autora. Hipocrisia de uma sociedade que vive num jogo de aparência, fazendo de conta que as classes inferiores não existem e, simultaneamente, mantendo relações com ela. Exemplo disso é o que acontece entre Jonas e as jovens pobres e virgens do local, que visam à obtenção de vantagens sociais após essa entrega.

Diante da hipocrisia da sociedade, temos como tema principal, nessa peça, o incesto, que consiste na relação sexual entre parentes consanguíneos, prática que é condenada por vieses morais, religiosos e pela justiça. O fato é que ele se faz presente na nossa sociedade, e o tabu que rodeia as relações incestuosas é explicado por Carvalho (2014). De acordo com as suas colocações, a razão pela qual o incesto é considerado um tabu remonta, inicialmente, a questões de ordem biológica, pois quando há o acasalamento entre indivíduos muito próximos, as chances de os futuros descendentes nascerem com problemas de má formação física são muito grandes.

Um dos maiores especialistas do Teatro brasileiro, Magaldi (1997), afirmou que a introdução das peças de Nelson Rodrigues em nosso cenário teatral, “[...] representava para o palco o que trouxeram Villa-Lobos para a música, Portinari para a pintura, Niemeyer para a arquitetura e Carlos Drummond de Andrade para a poesia” (RODRIGUES, 1981, p. 21). Para o crítico, Nelson Rodrigues ainda explorou um outro imaginário no teatro, distanciando-se da corrente naturalista que predominava no país. Por isso, foi um teatro que dividiu opiniões, com várias peças chegando a ser, por vários anos, impedidas de ir à cena. Ainda segundo Magaldi (1997), os textos de Nelson Rodrigues representam a entrada do Brasil em um seleto rol de países que fazem experiências modernas com a dramaturgia:

[...] aproxima-se de todos os grandes criadores, que não se cingiram às conveniências realistas, não temendo o exagero, superação do irreal que se erige em protótipo. Essa argila esculpiu os heróis de Eurípedes, Aristófanes, Shakespeare, Molière e tantos derramados na dramaturgia. (RODRIGUES, 1981, v. 1. p. 10)

Destarte, Eco (1991) debate exaustiva e calorosamente o tema da pluralidade de significados de uma obra de arte. Para o autor, “A poética da obra ‘aberta’ tende [...] a promover no intérprete ‘atos de liberdade consciente’, pô-lo como centro ativo de uma rede de relações inesgotáveis” (ECO, 1991, p. 41). Ainda segundo este autor, mesmo a obra “acabada”, “fechada”, é também aberta, na medida que serve a inúmeras interpretações. Cada fruição é uma interpretação e uma execução, pois em cada fruição uma obra revive dentro de uma perspectiva original. É a partir dessa constatação de Eco que iremos refletir sobre possíveis caminhos metodológicos para se interpretar e analisar comparativamente um texto dramático e um filme, enquanto obras abertas à análise literária.

3 RELAÇÕES RODRIGUEANAS E O COMPLEXO DE ÉDIPO

Nelson Rodrigues ganhou notoriedade e despertou intenso interesse dos críticos, visto que o dramaturgo causou diversas polêmicas. Por volta dos anos 1941 e 1942, assinou a peça *Vestido de Noiva*, sua segunda criação e tida como marco inicial do moderno teatro brasileiro. Aliás, a obra da nossa pesquisa, *Álbum de Família*, foi sua terceira criação e é marcada por uma série de polêmicas, uma vez que foi censurada em 17 de março de 1946, vista como uma peça que despertava os prazeres sexuais, incitação ao incesto e até a crimes como homicídio, conseqüentemente, inadequada para a sociedade, muitas vezes, considerada perversa para o conceito de família brasileira.

Nesse contexto, o dramaturgo põe em cena um teatro que se utiliza de métodos modernos, ou seja, nuances dos traços expressionistas, por exemplo, por meio da *mise-en-scène*. *Álbum de Família*, a peça do dramaturgo Nelson Rodrigues, apresenta-se através de um mergulho nos aspectos trágicos e psicológicos do instinto humano, ou seja, o caráter trágico-moderno vai sendo construído por meio das relações proibidas.

Percebemos, de forma verossímil, os conflitos psicológicos e as aflições dilacerantes da alma humana, isso é expresso no ambiente mítico, visto que o autor situa a obra no espaço fictício, ou seja, situada em uma fazenda, conhecida como São José de Golganhas. Além disso, desconstrói os valores cultuados na tradicional família brasileira. O incesto é proibido, porém consentido, isso faz com que as paixões sejam proibidas, mas não deixam de existir e, de forma atribulada, ocasionar ciúmes e ódio, logo, a anulação do amor entre a família.

Além do mais, o transcorrer da trama é revelado pelos olhos de um Speaker, técnica por meio da qual o dramaturgo insere esse recurso como elemento de denúncia da época. Por vezes, revela as demasias dos desejos, tendo em vista que o autor emprega especificidades oriundas da criação ficcional, tal como as representações cênicas, todavia, vai sendo construído o processo de encenação.

Diante disso, as personagens traçam a trama de forma factual, uma vez que desvelam as premissas sociais bem como os desejos, as vontades e as pulsões primitivas. Ou seja, mostram-se indivíduos que ultrapassam as leis, e, por conseguinte, os limites morais e religiosos. Nesse contexto, o dramaturgo utiliza-se dos elementos das tragédias gregas, por meios de técnicas minuciosas como forma de denúncia dos paradoxos de uma família construída nos modos arcaicos. Muitas vezes, a peça expõe os comportamentos avessos e, de forma verossímil, as repreensões das tentações desses amores proibidos.

As ações dos personagens se desregulam a partir já do primeiro ato da peça e assim continuam nos atos seguintes. A partir dessa premissa, a peça é baseada nas fotos de outrora, em quadros de modelos estáticos, norteia-se através de uma sátira da vida familiar que é supostamente feliz e religiosa. A peça expõe diversas discussões em relação aos temas tabus, que são inerentes ao meio social, ao mesmo tempo que os coloca em confronto com os padrões cristãos, cuja moral e racionalidade revelam-se submergidos na desordem e nos instintos sexuais.

Desse modo, Nelson Rodrigues relata a religião como a principal forma de acobertamento da perversidade humana, como também a hipocrisia entre as classes, logo, a discriminação das inferiores. Pois Jonas, o patriarca da família, era dono de grandes propriedades rurais em Minas Gerais, no entanto, percebemos uma forte crítica a esse comportamento de estratificação social, ou seja, o pai assume a posição de dominação e de tirania paterna, assim, a família é regida sob uma subordinação diante da obediência absoluta ao chefe da casa. Atrelado a isso, nota-se traços mitológicos, bem como aspectos da psicanálise, uma vez que percebemos uma profunda confluência entre os membros dessa família, para tanto, as intimidades sexuais entre ambos encontram correspondência no mito de Édipo Rei, de Sófocles. No mito de Édipo, ele casa-se com a própria mãe e assassina o seu pai.

Na obra *Álbum de Família*, mostra-se a relação incestuosa consumada pela mãe, D. Senhorinha, e o filho, Nonô. De acordo com Freud (1900), é a partir da infância e da primeira identificação sexual que o complexo de Édipo sucede, pois os desejos pela mãe formam-se a partir do vínculo maternal, enquanto o pai é visto como empecilho para suas ânsias sexuais, como é apresentado através da fala de D. Senhorinha:

D. Senhorinha (*com a mesma paixão*) – Pois eu ADIVINHEI o meu amor, quando nasceram Guilherme, Edmundo, Nonô!
 – Eu não quis esquecer; eu não quis fugir; eu não tive medo, nem vergonha de nada. (*possessa*) Não botei meus filhos no mundo para dar a outra mulher! (RODRIGUES, 2012, p. 90-91)

Para tanto, a obra cinematográfica dispõe de temas concisos, acerca de tabus e veracidade, sobretudo, os impulsos latentes à natureza humana. Isto é, os personagens, na versão fílmica, apresentam comportamentos bem complexos e assustadores, tendo em vista que ambas as versões constroem o tema subjacente que é o incesto, o homem violando as regras. A adaptação do diretor Braz Chediak não segue a versão teatral, logo, a versão fílmica não é fiel aos aspectos da obra cinematográfica. Nessa adaptação, o elenco conta com atores e atrizes como Lucélia Santos, Dina Sfat, Rubens Correa, Vanda Lacerda, entre outros.

Na adaptação de Chediak, o personagem Nonô, filho de D. Senhorinha e Jonas, após a concretização do ato incestuoso com a mãe, abandona a esfera familiar, devido à imoralidade cometida e toda a perversidade latente. Ele martiriza-se e procura na natureza a lucidez da raça humana, por exemplo, na peça, esse momento é assim descrito:

Tia Rute (*castigando irmã*) – Imagina que enlouquece e a primeira coisa que faz é tirar toda a roupa e viver no mato assim. Como um bicho! Você viu, outro dia, da janela, ele lambendo o chão? Deve ter ferido a língua! (RODRIGUES, 2012, p. 13)

Mais adiante, D. Senhorinha chega mesmo a conjecturar a razão de sua loucura, ao dizer:

D. Senhorinha – Edmundo teve medo, e se casou; Nonô teve medo, e enlouqueceu... (*veemente, desafiante*) Agora eu, não! (RODRIGUES, 2012, p. 91)

Perante este cenário, a loucura de Nonô é vista como representação da queda do homem sob as subordinações da hierarquia patriarcal, em razão dessa deturpação e dos paradoxos de inversões de valores. No texto dramático, percebemos que o filho Nonô tenta a todo momento reprimir a sua ferocidade sexual, uma vez que procura no primitivo a racionalidade humana.

Ademais, o conteúdo do filme aborda de forma explícita e exploradora os corpos dos personagens, como o aparecimento do filho Nonô completamente nu, o sexo e seus movimentos. Nesse contexto, a personagem D. Senhorinha representa o lado sedutor na obra, ou seja, é apresentada como uma mulher do lar, mas que possui aspectos sedutores, por quem os filhos são apaixonados.

Nesse sentido, Freud (1900) inicia seus estudos e reflexões sobre o complexo de Édipo a partir do mito de Édipo Rei, de Sófocles. O sistema psíquico da mente utilizado por Freud, o Id, Ego e Superego, denota o complexo de Édipo em um processo de duas vias, um positivo e outro negativo, pois a identificação pelo sexo oposto dos seus genitores ocorre com a menina e com o menino antes da identificação final. Além das fontes de identificação supracitadas, os pais devem atuar e estabelecer o que chamamos de “interdito”, isto é, os filhos irão se identificar com o proibido por parte parental que impede, assim, as relações incestuosas.

De acordo com Freud (1900), uma das principais questões do processo de desenvolvimento da psiquê é o complexo de Édipo. Em tese, A peça *Álbum de Família* é considerada uma peça “freudiana”. Essa adjetivação decorre do fato de a peça ter causado muita polêmica a partir do seu lançamento, com relação ao horror das práticas incestuosas, haja vista que o incesto não seja “[...] um acontecimento raro nem mesmo na sociedade de hoje, e quando a experiência histórica sabe de casos em que o matrimônio incestuoso de pessoas privilegiadas era um preceito” (FREUD, 2016, p. 126). Para os estudos das estruturas clínicas que decorrem do complexo de Édipo, de acordo com o psicanalista, a primeira relação de amor que as pessoas têm é com o progenitor, especificamente do sexo oposto, tornando-se assim agentes proibidos de uma escolha incestuosa.

O complexo de Édipo, que ocorre entre os meninos, apresenta o pênis como o órgão focalizado do prazer. Por volta dos quatro anos de idade, a criança sexualiza os pais, ou seja, os pais são introduzidos de uma forma fantasiosa nos objetos de desejo destas. A criança, conforme o seu impulso, tende a se ajustar de acordo com os limites que o seu corpo oferece. O menino adentra ao Édipo e manipula o seu pênis para ir até o objeto desejado, a sua mãe. Com o desejo de poder sobre a figura maternal, na mesma proporção, há a rivalidade para com a figura paterna. Freud (1916; 1917; 1976) atenta para a importância que há em ir em busca de outro objeto para esses desejos, de modo que haverá o desligamento das figuras dos pais, empregando, assim, sua libido em outro objeto e levando à reconciliação com o pai. No complexo, há desejos incestuosos de possuir, de ser possuído e o de repressão pelo outro. Entende-se o complexo de Édipo como uma subjetivação sexuada, atuando sobre os sujeitos e definindo, desse modo, sua respectiva personalidade.

Todas as crianças, sejam quais forem suas condições familiares e socioculturais, vivem essa fantasia universal que é o complexo de Édipo. Seja abandonada, órfã ou adotada pela sociedade, nenhuma criança escapa ao Édipo! Por quê? Porque nenhuma criança escapa à torrente das pulsões nela desencadeadas entre os três ou quatro anos de idade, e porque nenhum adulto de seu círculo imediato consegue evitar desempenhar o papel-alvo das pulsões e de canal para drená-las (NASIO, 2007, p. 131).

Em *Álbum de Família*, o diálogo com o complexo de Édipo é construído a partir da relação entre Edmundo (filho) e Senhorinha (mãe). Conforme o ambiente familiar vai se formando, Edmundo percebe a relação conflituosa entre os seus pais, desse modo, com a rivalidade para com o seu pai Jonas, Edmundo constrói sob senhorinha a imagem de uma mulher com atributos de santificação, e é por conta dessa relação de amor entre filho e mãe que Jonas (pai) é morto. A segunda relação incestuosa na peça é atribuída aos personagens Jonas (pai) e Guilherme (filho) que se encontram sempre em disputa por Glória (filha). Guilherme sente-se ameaçado por Jonas e vê a figura paterna como o grande precursor de todos os desejos que envolta a família. É por creditar a Jonas essa “maldição familiar” que Guilherme se põe no papel de protetor da sua irmã Glória, no intuito de retirá-la desse ciclo vicioso e pecaminoso. Guilherme, então, toma a decisão de mutilar-se, pois acreditara que a retirada do seu órgão genital protegeria Glória de seus desejos sexuais por ela.

GUILHERME (abstrato) – Depois desse ACIDENTE VOLUNTÁRIO, eu sou outro, como se não pertencesse a nossa família. [...] GUILHERME – Nem minha mãe! É UMA MULHER CASADA, CONHECE O AMOR – NÃO É PURA. Não serve para Glória – Só eu, depois do ACIDENTE! (RODRIGUES, 1981, p. 86).

Assim, a relação entre Guilherme e Jonas se ampara nas vertentes do complexo de Édipo estabelecido por Freud, o suposto desejo e vontade pelo incesto. Com a figura de Guilherme, temos o amor pela irmã que se encarna no amor transfigurado pela mãe e no desejo de matar o pai.

[...] o Complexo de Édipo, segundo Freud, não é senão a expressão dos dois desejos recalçados – desejo de incesto, desejo de matar o pai – contidos nos dois tabus próprios do totemismo: interdito do incesto, interdito de matar o paitem. O Complexo, é portanto universal, uma vez que é a tradução psíquica dos dois grandes interditos fundadores da sociedade humana (ROUDINESCO, 2003, p. 87).

Freud (1905) revela que a sexualidade humana é de ordem pulsional, no sentido de sempre exercer o papel de satisfação. Os personagens de Nelson Rodrigues são movidos por forças pulsionais. Portanto, podemos afirmar que o destino desses personagens é trágico. Por sua vez, a psicanálise revela os complexos inconscientes na neurose, mostrando assim a insatisfação que os sujeitos possuem quanto à sexualidade. A teoria freudiana aborda a infância como uma fase perversa.

Em *Os três Ensaios sobre a Teoria da sexualidade*, Freud (1905) diz que

a doença se instaura mais tardiamente, quando a libido fica privada de satisfações pelas vias normais. Em ambos os casos a libido se comporta como uma corrente cujo leito principal foi bloqueado; ela inunda então as vias colaterais que até ali talvez tivessem permanecido vazias. Assim, também o que parece ser uma enorme tendência à perversão (apesar de negativa) nos psiconeuróticos pode estar colateralmente condicionado, e, em todo caso, deve ser colateralmente intensificado. O fato é que se tem de alinhar o recalçamento sexual, enquanto fator intenso, com fatores externos que, como a restrição da liberdade, a inacessibilidade do objeto sexual normal, os riscos do ato sexual etc., permitem que surjam perversões em indivíduos, que, de outro modo, talvez permanecessem normais (FREUD, 2006, p. 161.)

A teoria Freudiana retrata a sexualidade por três vetores: processos orgânicos, estimulação das zonas erógenas e através das pulsões. A partir desses vetores, explicamos a efervescência da sexualidade na infância. Apoiando-nos em Freud, podemos afirmar que a vida sexual adulta se origina na infância, pois a escolha objetual infantil resulta no prolongamento posterior e encadeia-se no desejo que surge a partir do termo *Wunsch* (desejo), que Freud articulou em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), isto quer dizer que todo sonho é o resultado de um desejo inconsciente.

Em *Álbum de Família*, o desejo é apresentado como o sujeito de maior problemática, nessa ótica, o desejo que permeia essa família se esboça na margem da necessidade. Ao fim do último ato na peça, Jonas se depara diante do caixão de Glória e relata: “Minha filha morreu. (lento) PARA MIM ACABOU-SE O DESEJO NO MUNDO!” (RODRIGUES, 1945, p. 569). Portanto, quando sua filha morre, morre também o desejo de Jonas.

Resta-nos a feliz sentença do dramaturgo: “Infelizmente, minhas peças não são obras-primas. Se o fossem, teriam direito de ser padres” (RODRIGUES, 2004, p. 278).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse estudo, é possível perceber os fatos fundantes do texto dramático, bem como as relações do texto teatral e da obra cinematográfica na peça *Álbum de Família*, de

Nelson Falcão Rodrigues. De modo geral, ao estudarmos as temáticas da obra, percebermos, no que concerne às tragédias modernas, as manifestações de poder, as estratificações sociais e a discriminação das classes dominantes.

Através deste estudo, procuramos investigar, de forma concisa, os aspectos que caracterizam os elementos típicos da produção dramática, pois referem-se a detalhes do contexto inerentes à tragédia. Identificarmos a escrita de denúncia, de Nelson Rodrigues, por isso torna-se pertinente a constatação de que o gênero tragédia é apresentado na peça na sua forma mais expressiva, e isso foi possível graças à investigação e análise da obra, de forma análoga, rompendo com o realismo e a verossimilhança no palco, ao mesmo tempo que a peça apresenta uma sucessão de relações incestuosas.

Enquanto pesquisadores, compreendemos os processos inerentes ao teatro brasileiro através de técnicas de representação inovadoras. Tendo em vista as pesquisas feitas, percebemos que o cinema e o teatro podem se complementar, uma vez que coexistem e convivem. O autor propicia, à personagem e ao espectador, a possibilidade de se reconhecerem falíveis. Desse modo, utiliza-se da instituição do casamento para romper com os paradigmas, pois trata-se de uma situação limite em que se rompem todas as normas e anula-se a realidade humana. Assim, buscamos um conhecimento acerca da literatura comparada e do cinema, considerando os princípios da análise da produção teatral.

Salientamos a criação primorosa da constante e incessante existência da arte teatral, logo, faz-se necessário evidenciar a diversidade que o teatro oferece para compreensão do mundo, do homem e das relações humanas, além de apresentar detalhadamente a construção sobre os meios para a produção artística, bem como compreender as construções das personagens com características marcantes que busca a reação, a indignação, que surgem através dos questionamentos do público e de suas atitudes diante da peça.

Destarte, desejamos que esta pesquisa consiga contribuir para os que compõem o meio acadêmico e a sociedade, de um modo geral, e que desperte relevância em outros pesquisadores para os estudos literários, cinematográficos e psicanalistas, assim como a percepção do leitor para a importância que o teatro e o cinema brasileiro carregam consigo, visto que essas duas vertentes traçam aspectos retrospectivos da vida social e cotidiana que, por muitas vezes, se encontram implícitos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte retórica e Arte poética**. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete**. 5. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. Trad. Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Teatro grego: tragédia e comédia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987, Vol. II.

_____. **Teatro grego: origem e evolução**. São Paulo: Ars Poética, 1992.

BRITO, João Batista B. de. **Imagens amadas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.

_____. Literatura, cinema, adaptação. **Graphos. Revista de Pós-Graduação em Letras da UFPB**, v. 1, n. 2, Jun. 1996.

CARLSON, Marvin. **Teorias do teatro. Estudo histórico-crítico dos gregos a atualidade**. São Paulo: UNESP, 2002.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Niterói: Abralic, n. 1, p. 9-21, 1991.

CARVALHAL, Tânia Franco; COUTINHO, Eduardo F. (Orgs.). **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1994.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas figuras, cores, números**. Coord. Carlos Sussekind e trad. Vera da Costa e Silva *et al.* 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dilson; CASTRO, Celso (Orgs.). **A volta aos Quartéis: a memória militar sobre a abertura**. Rio de Janeiro: Dumará, 1995.

D'ONOFRIO, Salvador. **Teoria do texto I**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos Sonhos**. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 1900.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (v. VII)

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora**. São Paulo: Hedra/UNICAMP, 2006.

LAUZ, Viviane da silva. **Incestos e relações proibidas: uma análise da censura da peça Álbum de Família de Nelson Rodrigues**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Faculdade de Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

LUNA, Sandra. **Arqueologia da ação trágica: o legado grego**. João Pessoa: Ideia, 2005.

_____. **A tragédia no teatro do tempo: das origens clássicas ao drama moderno**. João Pessoa: Ideia, 2008.

_____. **Drama social, tragédia moderna: ensaios em teoria e crítica.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. (Col. PósLetras).

MAGALDI, Sábado. **Panorama do teatro brasileiro.** 3. ed. São Paulo: Global, 1997.

NASIO, J. D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada.** São Paulo: EDUSP, 2000.

ONU – Organização das Nações Humanas. **Declaração de direitos do homem e do cidadão – 1789.** Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antigos-%20-%20cria%20-%20da-Sociedade-das-Na%20es-at%20-1919/declara%20-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

PALLOTININI, Renata. **O que é dramaturgia.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

PEIXOTO, Fernando. **Teatro em Pedacos.** São Paulo: Hucitec, 1989.

REIMÃO, Sandra. **Repressão e Resistência: censura a livros na Ditadura Militar.** São Paulo: Edusp; Fapesp, 2011.

ROSA, Seleste Michels. Álbum de Família: uma tragédia moderna. **Revista Odisseia**, n. 4, 2 jul. 2012.

REMAK, Henry H. H. The Future Of Comparative Literature. In: **Proceedings of the Eighth Congress of the ICLA.** Stuttgart: Kunst und Wissen/Erich Bieber, 1980. p. 429-437.

ROSENFELD, Anatol. **O mito e o herói no moderno teatro brasileiro.** São Paulo: Perspectiva, 1996.

RODRIGUES, Nelson. **Teatro completo de Nelson Rodrigues: tragédias cariocas II.** Org. Sábado Magaldi. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 424p.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

FILME

ÁLBUM DE FAMÍLIA. Direção: Braz Chediak. Roteiro: J. B. Tanko. Rio de Janeiro, 1981. 99 mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua misericórdia sobre a minha vida e por sempre me sustentar nos dias difíceis em que quis fraquejar.

Agradeço aos meus familiares, em especial aos meus pais Josivan e Edilene, por todo o incentivo na minha caminhada, por serem minha rocha, minha força, proteção, e por compreender os momentos em que tive que me desvanecer durante o curso.

Ao meu orientador, Eduardo Henrique Cirilo Valones, que acreditou na minha pessoa, e por aceitar o desafio de me orientar na pesquisa e na vida.

Aos meus grandes amigos de curso, Paulo Fernando, Gabrielle Oliveira, Deivid, Luciene e Clarice, aos quais sou muita grata pelos momentos vividos entre lágrimas e sorrisos, fundamentais em minha trajetória acadêmica.

Aos meus amigos, Joyce, Gabriel e André, por todo o conhecimento compartilhado.

À professora Rosângela Neres, por ser minha inspiração de profissional, mulher empática e resistente.